

**OS INDÍCIOS DE GRAMATIZAÇÃO NA GRAMMÁTICA DA
LINGUAGEM PORTUGUESA DE FERNÃO DE OLIVEIRA**

Cesar Augusto de Oliveira Casella (UFAC)
cesarcasella@ufac.br

1. O conceito de gramatização

Vejam os, em síntese, a definição de gramatização para Sylvain Auroux:

Por gramatização deve-se entender o processo que conduz a descrever e a instrumentar uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário. (AUROUX, 1992, p. 65)

O autor francês também batizou a gramatização de 'macroacontecimento', com o que englobou a convergência dos diferentes fenômenos que permitiram o desenvolvimento da gramática, dos compêndios gramaticais, como a área de concentração dos estudos linguísticos, a partir de uma tradição gramatical de fundo greco-latino e uma vontade política de identidade nacional. Neste 'macroacontecimento' atuaram os seguintes fatores, entre outros:

- A tradição gramatical de fundo greco-latino;
- A formação dos Estados europeus;
- As literaturas de identidade nacional;
- A expansão comercial e colonial europeia;
- A crescente escolarização da população;
- O desenvolvimento da fonética e da ortografia;
- O desenvolvimento da imprensa;
- A mentalidade do Renascimento europeu.

Assim, temos um acontecimento de grande complexidade, ramificado e capilarizado, capitaneado pelos estudos de cunho gramatical – derivados da tradição greco-latina – e que se estendeu por todo o Ocidente a partir do Renascimento, solidificando o nosso modo de saber linguístico.

Há que se ressaltar a concomitância da gramatização com os processos políticos e geográficos de expansão de domínio do velho continente. Sylvain Auroux (1992) afirma que, já na Idade Média, os meios estavam dados para a gramatização, porém faltava um interesse 'político', uma necessidade de utilização destes meios.

Este interesse político só aparece com o Renascimento, com a formação dos Estados europeus e a conseqüente necessidade de uma 'língua oficial', de uma 'língua padrão' – lembremo-nos do dístico: "uma língua, uma nação". Temos então o advento de uma política linguística, que trata de deslocar o meio linguístico do conjunto das atividades puramente intelectuais. Isto é, a gramática, a partir deste ponto, não atende mais somente aos interesses estéticos: "A expansão das nações acarreta indiscutivelmente uma situação de luta entre elas, o que se traduz, ao final, por uma concorrência, reforçada por que institucionalizada, entre as línguas". (AUROUX. 1992, p. 49)

Afinal, a gramática se torna, simultaneamente, uma técnica pedagógica de aprendizagem das línguas e o modo de descrevê-las e acaba sendo um importantíssimo instrumento na relação dos europeus com os povos dominados e colonizados ao redor do mundo, e também uma sutil ferramenta de perpetuação deste domínio. Neste sentido, e focando no caso das línguas indígenas, basta pensar no modo de apropriação destas línguas operado pelos jesuítas, antigamente, e pelos missionários estadunidenses, de hoje em dia.

2. Fernão e sua obra

Segundo informa Buescu (1984), Fernão de Oliveira nasceu em Aveiro, na Beira Litoral, em 1507. Aos treze anos já era noviço no seminário dos dominicanos de Évora, no Alentejo, o qual abandonou em 1532. Dedicou-se, depois, a lecionar para jovens fidalgos, do que se pode inferir que viveu na corte, em Lisboa.

De 1540 a 1547 viajou pelo mundo, vivendo na Itália entre 1540 e 1543. Entre 1547 e 1557 foi preso por duas vezes, pela Inquisição, ou por tendências heréticas ou como cismático. Em 1565 ensinava numa escola da ordem dos Espatários, em Palmela, ao sul de Lisboa, na Extremadura litorânea e recebia uma tença do jovem rei

dom Sebastião. Escreveu a sua *Grammatica* em 1536. Morreu em 1580 ou 1581.

3. Os indícios de gramatização

Os indícios que serão apresentados aqui se prendem ao aspecto político, que Auroux diz ter sido fundamental tanto para o surgimento das primeiras descrições das línguas vernaculares quanto para o posterior desenvolvimento destas línguas. Assim, traremos amostras desta 'vontade política' que só veio com o Renascimento, colhidas na obra de Fernão de Oliveira, pois postulamos que, ao constatar a existência de elementos deste tipo, podemos entender a *Grammatica da Lingoagem Portuguesa* como inserida no grande processo de gramatização.

Selecionamos algumas passagens em que o português é comparado com as outras línguas e valorizado de algum modo que não pela análise estritamente linguística, isto é, a língua portuguesa é valorizado por uma retórica do convencimento, calcada na necessidade política de Portugal, à época.

Vejamos um trecho do terceiro capítulo:

É tanta a nobreza de nossa terra e gente que so ella com seu capitão Viriato pode lançar os Romanos da Espanha e seguiuos ate a sua Ytalia. E so esta nossa terra Portugal na Espanha quãdo os Godos com seus costumes barbaros e viçiosos perderão a Espanha teue sempre bãdeyra nunca sogeyta a mouros. (...) Apontey isto para que desta nossa própria e natural nobreza nos prezemos e nam fabulizemos ou mintamos patranhas estrangeyras: e muito menos nos louuemos dos Godos porque elles perderão o que a virtude desta terra ensinou gaynhar aos nossos.³⁴

Neste trecho, é perceptível a intenção de Fernão de elevar a “nobreza” histórica dos portugueses para que passe a ser natural que

³⁴ Com a atualização ortográfica: “É tanta a nobreza de nossa terra e gente que só ela com seu capitão Viriato pôde lançar os romanos da Espanha e segui-os até a sua Itália. E só esta nossa terra, Portugal na Espanha, quando os godos com seus costumes bárbaros e viçiosos perderam a Espanha, teve sempre bandeira nunca sujeita a mouros. (...) Apontei isto para que desta nossa própria e natural nobreza nos prezemos e não fabulemos ou mintamos patranhas estrangeiras, e muito menos nos louvemos dos godos, porque eles perderam o que a virtude desta terra ensinou ganhar aos nossos”

um tão grande povo, de tão grandes feitos, tenha a sua língua, própria e diferenciada. A oposição política se dá com a Espanha, comparando as nações em um largo período histórico, e destacando as vantagens dos portugueses frente aos espanhóis.

Continuando com os indícios, no quarto capítulo:

Porque Grécia e Roma so por isto ainda viuem: porque quãdo senho-
reauão o mundo mandarão a todas as gentes a elles sogeytas aprender su-
as línguas: e em ellas escreuião muytas bõas doutrinas e não somente o
que entendião escrevião nellas: mas tambem trasladauam parellas todo o
bo que lião em outras. E desta feyção nos obrigarão a que ainda agora
trabalhemos em aprender e apurar o seu esquecendo nos do nosso não
 façamos assy mas tornemos sobre nós agora que he tempo e somos se-
nhores porque milhor he que ensinemos a Guine ca que sejamos ensina-
dos de Roma.³⁵

Em que é interessante notar o grau de consciência de Fernão acerca da importância da língua e de sua difusão entre os povos subjugados, ou melhor, a compreensão de que o domínio político e econômico se completa pelo domínio cultural e linguístico.

Fernão de Oliveira também deixa claro que não vê motivos para que o português siga uma obediência estrita da tradição gramatical greco-latina, isto é, a confrontação se dá também com a tradição. Observe-se o trecho do décimo sexto capítulo:

Mas nós somos tão grãdes bogios dos latinos que tomamos suas cou-
sas sem muito sentir dellas quanto nos são neçessarias; e por nossa vōta-
de damos nossas auantagens aos latinos e gregos que tão pouco sabem as
vezes o que hão mester como os que antre nós pouco sintem.³⁶

³⁵ Com a atualização ortográfica: "Porque Grécia e Roma só por isto ainda vivem: porque quando senhoreavam o mundo mandaram a todas as gentes a eles sujeitas aprender suas línguas, e em elas escreviam muitas boas doutrinas, e não somente o que entendiam escreviam nelas, mas também trasladavam para elas todo o bom que liam em outras. E desta feição nos obrigaram a que ainda agora trabalhemos em aprender e apurar o seu, esquecendo-nos do nosso. Não façamos assim, mas tornemos sobre nós agora que é tempo e somos senhores, porque melhor é que ensinemos a Guiné cá, que sejamos ensinados de Roma".

³⁶ Com a atualização ortográfica: "Mas nós somos tão grandes bugios dos latinos que tomamos suas cousas sem muito sentir delas quanto nos são necessárias, e por nossa vontade damos nossas vantagens aos latinos e gregos que tão pouco sabem às vezes o que há mister, como os que entre nós pouco sentem".

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

É preciso perceber que há uma imbricação destes discursos de Fernão de Oliveira: negar a tradição clássica da gramática, ao mesmo tempo em que se constitui uma nova tradição portuguesa da gramática ajuda a alçar a língua portuguesa ao mesmo patamar do grego e do latim; algo semelhante se dá com a comparação entre os domínios territorial e cultural dos gregos e romanos ao dos portugueses; reafirmar a necessidade de um conhecimento sobre a própria língua significa necessitar de uma tradição e costume próprios aos portugueses para diferenciá-los dos espanhóis, principalmente.

É desta perspectiva que julgamos importantíssima a obra de Fernão de Oliveira, ao mesmo tempo fundamental documento histórico do processo de gramatização e instigante instrumento de reflexão sobre o poder da gramática e da língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Unicamp, 1992.

BUESCU, M. Leonor. *Historiografia da língua portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa, 1984.

OLIVEIRA, Fernão de. *Grammatica da lingoagem portuguesa*. Casa d' Germão Galharde, Lisboa, 1536. [Original digitalizado, cópia pública da Biblioteca Nacional, disponível em <http://purl.pt/120>].

SOUZA, Nazarete. *O papel dos gramáticos portugueses do Renascimento: Fernão de Oliveira e João de Barros*. [Inédito].